ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

GUARULHOS, Secretaria de educação de. Educação Inclusiva | Histórias, Concepções e Políticas Públicas. 2009.

Gutiérrez, L. Famílias Documento. sem editar. 1999

HORN,Cláude Inês...[et al] Pedagogia do Brincar. Porto Alegre: Mediação, 2012. LEONTIEV, A. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa : Livros Horizonte, 1978.

MADRI, Elaborado em. Espanha no Congresso Europeu de Pessoas com Deficiência, comemorando a proclamação de 2003 como o Ano Europeu das Pessoas com Deficiência, em 23 de março de 2002. Disponível em: https://pcd.mppr.mp.br/pagina-307.htmlAcesso: 22/11/2020

MATTOS, Edna Antonia de. Assistente-Doutora Fac. Educação da USP . tese, Deficiente Mental: Integração/Inclusão/Exclusão - Editora Mandruvá - Disponível em: http://www.hottopos.com/videtur13/edna.htm Acesso: 20/03/2021

MANTOAN, M.T.H. A integração de pessoas com deficiência. São Paulo: Senac, 1997.

Mantoan, Maria Teresa Egler; Arantes, Valéria Amorim; Prieto, Rosângela G.

Inclusão Escolar - Col. Pontos e Contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar o que é, para quem, como e por que. São Paulo : Moderna , 2003

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Integração x Inclusão: Escola (de qualidade) para Todos .UNICAMP , 1993.

MAZZOTTA, M. J. S.. Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas.

5a.. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

MENDES, Instituto Rodrigo. Material complementar para reelaboração dos currículos – Educação Especial/Inclusiva. Disponível em: https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2019/04/guia_bncc_compleme nto_educacao_inclusiva_Rodrigo_Mendes.pdf Acesso: 25/04/2021

.ONU – Organização das Nações Unidas. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.

PLETSCH, M. D. O professor itinerante como suporte para Educação Inclusiva em escolas da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre emancipação intelectual. Trad. de Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 24.

SASSAKI, R. K. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

STAINBACK, S. e STAINBACK, W. Inclusão: um guia para educadores. Porto Alegre:Artes Médicas Sul, 1999.

UNESCO. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Nações Unidas, 1994. Disponível em: http://www.educacaoonline.pro.br, acesso em 06/06/2020.

UNIVESP TV. A Política Nacional para a Educação Inclusiva Avanços e Desafios encontrado na TV Univesp, (2011). Disponível em: <

https://youtu.be/NgLUGoaYjtU> Acesso: 29/01/2021.

UNIVESP TV. Convivência Democrática / Conversação Educação Inclusiva com mediação da coordenadora da Univesp TV (2011), Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=JzaKuyXc0R0> Acesso: 29/01/2021

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo : Martins Fontes, 1996

GESTÃO DA SALA DE AULA
ÊNFASE NO PROCESSO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

MICHELLE PINHEIRO XAVIER

RESUMO

Aprender, segundo o dicionário, significa ficar sabendo, reter na memória, tomar conhecimento de algo. Porém, com o tempo, o sentido da ação de aprender sofreu mudanças ideológicas e conceituais. Mudanças essas que exigem mais dos profissionais que atuam na

docência, portanto gerenciar uma sala de aula se tornou um dos grandes desafios da era contemporânea. Muitas habilidades são exigidas de um mesmo profissional para que metas sejam atingidas. E esses desafios são abordados aqui e expostos na ótica do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Gerenciar; Metodologias; Estratégias; Desafios; Alunos.

INTRODUÇÃO

Como já sabemos, são muitos os fatores que determinam o bom andamento de uma aula, assim como a produtividade e aproveitamento dos alunos.

Cada docente por ser o adulto do processo precisa estar pronto pra mediar e encaminhar esse processo de ensinamento e troca com os alunos. A experiência muitas vezes traz a vivência para o docente e o jogo de cintura... mas não podemos esquecer de aprender com as experiências dos colegas e nos livros... Há muitos relatos, boas metodologias e caminhos que podem ser alternativa para acessar os alunos com maior dificuldade.

O trabalho do professor exige sempre pesquisa, tanto em busca de atualizações voltadas para a dinâmica de seu conteúdo como novas metodologias para atingir sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Qualquer profissão em que se atua exige que possamos rever as nossas ações, melhorar o nosso método, aprimorar as nossas técnicas de abordagem e conhecer infinitos caminhos para atingir novas metas e superar desafios que são diários na vida do professor. Isso exige dedicação do docente, empenho e busca de um crescimento pessoal que transborda para o âmbito profissional. Adquirir conhecimentos nos torna melhor como um todo, e interfere no nosso mundo interpessoal.

Gestão da sala de aula.

Ser professor exige muito mais do profissional do que a maioria das pessoas supõe. Administrar uma sala de aula, lhe dar com mais de 30 pessoas ao mesmo tempo, coordenar as ações, impor regras, determinar limites, compreender os dias ruins, ensinar conteúdo, assimilar as dificuldades, interpretar problemas pessoais, saber ouvir, tudo isso ao mesmo tempo dentro de uma aula com apenas 45 minutos. Por sorte, tudo isso não ocorre de uma única vez. Estar a frente de uma sala de aula é uma construção diária, que exige um passo de cada vez para atingir os mais diversos objetivos.

Cada vez mais as relações interpessoais influenciam essa construção do conhecimento. Antigamente o professor era considerado o dono da razão, o detentor do saber, o único que podia falar e se manifestar. Hoje as coisas se transformaram e a grande questão é fazer com que o aluno seja o protagonista da sua trajetória de aprendizado. O aluno é o centro do aprender e não mais o docente. Transmitir conteúdos não é o que a escola busca nos dias atuais...

Diante de tantas mudanças aparecem as chamadas metodologias ativas, que buscam inovar todos os modos de ensino-aprendizagem utilizados nas escolas.

Cada aluno aprende de um jeito, cada turma tem suas características e tudo isso deve ser levado em consideração no planejamento das aulas. Gerir esse aprendizado é muito mais do que simplesmente repassar conteúdos.

Quando pensamos na realidade da escola pública são muitos os problemas enfrentados pela equipe gestora e docentes ao longo do processo fora da sala de aula. Muitas vezes falta o mínimo na infraestrutura básica, mas mesmo com essas dificuldades vemos grandes trabalhos serem desenvolvidos o tempo todo.

Dentro de uma escola pública tudo funciona de acordo com as orientações da secretaria da educação e muitas mudanças acontecem na troca de governo. Quando um novo governo assume, alteram as apostilas, carga de formação dos docentes, abordagem do currículo, benefícios de alunos e colaboradores, entre outros. E a própria secretaria também lança inúmeras resoluções e documentos orientadores que alteram as coisas de um dia para o outro. E isso acaba sendo um fator estressante para o planejamento já elaborado pela escola. Claro que a secretaria visa informar, melhorar e facilitar o desenvolvimento do trabalho, mas muitas vezes isso é mais um problema a ser enfrentado pela equipe.

Outro fator que influencia diretamente o aprendizado é a estrutura familiar desses alunos. A pandemia escancarou a ausência dos pais nesse processo; a cobrança da participação, realização e entrega de atividades nas aulas online ficou a cargo somente dos responsáveis e o que vimos foi o afastamento total de muitos alunos da escola. Claro que isso é somente um dos lados em relação a uma pan-

demia, mas foi notório que muitos alunos produziam presencialmente por terem a cobrança dos docentes e em casa essa disciplina na participação de muitos acabou indo por água a baixo.

Todo o processo de ensino-aprendizagem precisa ter como foco principal o aluno. A busca pelo empenho desses alunos é sempre uma luta. Podemos dar como exemplo os adultos, pois empenho e disciplina são a base da autonomia... mas mesmo assim muitas pessoas adultas não conseguem praticar exercícios físicos por exemplo; estabelecem essa meta mas acabam sempre se sabotando. O que falta aqui, é disciplina, autonomia para realizar o que precisa ser feito. Imagina só em adolescentes, crianças que estão em formação... como podemos esperar tamanha disciplina na hora de encarar os estudos. E porque no ensino fundamental II nós acabamos com o lúdico, com as brincadeiras, com as intervenções mais atrativas? É aqui que precisamos repensar a gestão das nossas aulas, o planejamento para atingir os nossos objetivos...

Nem todas as aulas de química, por exemplo, serão um show de mágica para os alunos, mas podem fazer mais sentido se relacionados com o cotidiano dos mesmos ou mesmo apresentadas de forma mais dinâmica e participativa. Essa é a questão... como transformar o jeito de pensar dos nossos alunos, inserir disciplina e responsabilidade com prazer.

Um adulto entende que para emagrecer, ter qualidade de vida, cuidar do corpo, melhorar a sua saúde precisa praticar exercícios físicos regularmente, se alimentar de forma saudável, evitar os alimentos industrializados, abrir menos e descascar mais e ouve isso do médico com freqüência. Mas na próxima refeição que realiza, na sua maioria, não deixa de lado as frituras e nem o seu sagrado refrigerante. Aqui falta nitidamente autonomia e disciplina para colocar em prática o que é correto pra algo tão importante pra saúde de cada um de nós.

Sempre costumo dar um exemplo simples para os meus alunos quando a dispersão está demais numa aula aleatória... Relato uma história simples... Peço pra eles se imaginarem indo ao shopping em alguma loja da preferência deles em busca de uma calça... Eles são atendidos por uma vendedora e entre muitas provas escolhem o produto que irão levar. Uma bela calça que pretendem adquirir... O pagamento é feito normalmente, eis que para a surpresa da vendedora vocês se retiram da loja sem a calça que já está paga e a vendedora sai correndo atrás de vocês com a calça na mão pelos corredores do shopping... pedindo pelo amor de Deus que vocês levem o produto que acabaram de adquirir... E faço essa análise para ilustrar como me sinto muitas vezes querendo entregar o meu produto pra cada um desses alunos, pois muitas vezes o professor está ali diante de uma turma que simplesmente não quer "levar a calça"... o conhecimento precisa ser tratado como uma aquisição importante. E nesse processo a família é uma das peças chaves.

Partindo desse princípio, precisamos alterar as metodologias utilizadas no decorrer das aulas. Modificar a gestão do processo de ensino-aprendizagem. É preciso que ocorram discussões entre os pares sobre o poder das novas tecnologias e um debate sobre as novas práticas de ensino que buscam melhorar o engajamento dos estudantes em sala de aula. Claro que tão essencial quanto esses fatores, temos a atenção na formação inicial dos professores e dentro das escolas: a gestão da sala de aula.

Sem uma boa gestão, mesmo com toda a tecnologia do mundo à disposição, fica muito difícil engajar os alunos com o conteúdo da aula.

O que é gestão da sala de aula?

Gestão de sala de aula são todas as ações realizadas pelo professor para promover um ambiente de aprendizagem efetivo, em que todos os estudantes se sintam seguros e estimulados a aprender.

A gestão é um trabalho diário, em que o professor está sempre percebendo e controlando a "temperatura" da sala de aula, identificando os problemas e traçando planos de ação para solucioná-los.

Por que todo professor precisa fazer a gestão de sala de aula?

De acordo com Celso Vasconcellos, doutor em Educação e autor de diversos livros na área, uma boa gestão de sala de aula é fundamental para atingir os grandes objetivos da escola: a aprendizagem efetiva, a alegria crítica e o desenvolvimento humano pleno de todos os alunos.

É por meio da gestão da sala de aula que o professor busca responder as seguintes perguntas:

- Como está o engajamento dos alunos?
- Eles são mais motivados quando utilizamos algum recurso tecnológico?
- Quais práticas tiveram os melhores resultados?
- Todos participam igualmente quando desenvolvemos um trabalho em grupo?
- Qual a melhor forma de lidar com um aluno indisciplinado?
- O que faço se houver uma briga?

Ainda segundo Vasconcellos, a gestão de sala de aula acontece em três dimensões distintas: o trabalho com o conhecimento, a organização da coletividade e o relacionamento interpessoal.

1. Trabalho com o conhecimento

O trabalho com o conhecimento é, nada mais, nada menos, que a apropriação do saber pelo estudante. Este aspecto da gestão de sala de aula geralmente é o que tem maior visibilidade dentro das escolas.

Neste ponto, o papel do professor é garantir que o conhecimento seja transmitido de forma efetiva, revestindo-o de significado (por que é importante aprender isso?) e trazendo novas metodologias e linguagens que conversam com os alunos das novas gerações.

2. Organização da coletividade

Para que o trabalho com o conhecimento seja realmente efetivo, ele depende das outras duas dimensões da gestão. A organização da coletividade refere-se ao clima de trabalho na sala de aula.

Criar um ambiente de participação, interação, disciplina e respeito é importante para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça da melhor forma. E isso depende de uma boa gestão em sala de.

Promover assembleias de classe, conversar sobre a importância da escola, fazer com os alunos um contrato didático no início das aulas... tudo isso contribui para a organização da coletividade e, consequentemente, para um aprendizado efetivo.

3. Relacionamento interpessoal

O relacionamento interpessoal também se relaciona com a organização da coletividade, mas é, de certa forma, anterior a ela. Um bom relacionamento entre professor e aluno gera uma cultura de respeito mútuo, de atenção e de cuidado com o outro, e promove a organização da coletividade.

Para desenvolver esse tipo de relacionamento, é preciso que professor e aluno sejam capazes de compreender os diferentes mundos em que estão inseridos. E este movimento deve partir do professor: é preciso demonstrar interesse, fazer contato, conhecer e se conectar com a turma.

Fatores que influenciam o processo de gerenciar o aprendizado

Quando abordamos o tema gestão da sala de aula, a proposta é promover a reflexão sobre a importância da gestão de sala de aula para garantir um ensino de qualidade, e, para isso, é importante que o diretor tenha instrumentos para acompanhá-la.

Com isso, é necessário a definição dos indicadores de acompanhamento de sala de aula referentes aos aspectos organizacionais, aos aspectos pedagógicos e à observação de sala de aula, além da avaliação da aprendizagem e da relação professor/aluno, que estão pautados no Projeto Pedagógico da escola.

Aspectos organizacionais

Quando o arranjo da sala de aula mida em função da tarefa, evid~encia uma distinta concepção do significado de aprender: um ato dinâmico, estimulante e instigante, do qual todos querem, podem e devem participar, compartilhar saberes, dialogar, debater e produzir conhecimento entre pares.

Aqui fica nítida a importância do aspecto organizacional do espaço físico, assim como do estabelecimento de regras de conduta e do ritmo das atividades desenvolvidas em sala de aula para melhorar a aprendizagem.

Organizando a sala de aula – tempo e espaço

O trabalho educativo não se restringe à sala de aula, mas, se a configuração desse ambiente for acolhedora, poderá favorecer o trabalho pedagógico que nela é realizado. Por isso, é importante que o diretor de escola considere os cuidados com os aspectos físicos como determinantes dos aspectos pedagógicos.

Para que o ambiente da sala de aula deixe de ser tumultuado e se transforme em produtivo, é fundamental que o professor antecipe para os alunos qual vai ser a rotina diária dos trabalhos. Essa informação ajuda a orientá-los, tornando-os mais autônomos e liberando o professor para ajudar aqueles que estão precisando de auxílio.

Nesse sentido, é importante que o professor invista, junto com seus alunos, na construção coletiva das regras de conduta, definindo os direitos e os deveres que regularão o cotidiano em sala de aula. Para tanto, ele deverá compreender que é preciso envolver os alunos na discussão do que é possível e aceitável em sala de aula, deixando claro que as regras acordadas podem sempre ser mudadas, caso deixem de ser consensuais. Isso implica constante negociação, mas permite ao professor recorrer, sempre que necessário, ao acordo firmado pela classe.

Apresentação do espaço

Outro aspecto importante é a apresentação e a organização da sala de aula. Um ambiente sujo, de aspecto desleixado e com cadeiras quebradas, é o primeiro indício de que algo vai mal.

A hostilidade do ambiente causa desprazer, e o desprazer repercute na aprendizagem. A forma como a sala de aula está arrumada reflete, ainda, a concepção de aprendizagem daquele que ensina: cadeiras enfileiradas, com alunos um atrás do outro, indicam que se espera apenas atenção aos ensinamentos do mestre, sem conversas entre colegas nem confronto de ideias. Quando o arranjo da sala de aula muda em função da tarefa, evidencia uma distinta concepção do significado de aprender: um ato dinâmico, estimulante e instigante, do qual todos querem, podem e devem participar, compartilhar saberes, dialogar, debater e produzir conhecimento entre pares.

Gestão do tempo

Além da organização do espaço físico, também é importante que o diretor de escola esteja atento à forma como o tempo é gerido pelos professores quando estão encaminhando as propostas pedagógicas em sala de aula, observando se as aulas têm um ritmo adequado com início, meio e fim; se há um planejamento que contemple as diferentes etapas da atividade e o tempo destinado para cada uma delas, como, por 2 exemplo, a realização de um exercício seguido de uma discussão e uma revisão em dupla; se há espaço para que os alunos explicitem suas dúvidas e estas possam ser trabalhadas com o professor ou com um colega; entre outros aspectos que possam surgir no dia a dia da sala de aula.

Aspectos pedagógicos

O diretor de escola na gestão da sala de aula As ações de natureza pedagógica devem ser colocadas como eixo do trabalho da equipe de gestão da escola. Essas ações dizem respeito à gestão da Proposta Pedagógica, do Currículo Básico, do Plano de Melhoria, do desenvolvimento profissional e da avaliação, ou seja, dos próprios elementos que constituem a natureza da atividade escolar.

Todos os membros da equipe escolar devem estar envolvidos nessas ações, mas a responsabilidade direta sobre elas é da competência do diretor de escola.

Em função disso, cada escola deverá assegurar a efetivação do currículo e da intervenção pedagógica, quando for necessário corrigir os rumos das ações, bem como garantir a aprendizagem de todos os alunos. Nesse contexto, compete ao diretor de escola:

- conhecer, apropriar-se e divulgar os resultados das avaliações externas para toda a comunidade escolar, conscientizando-a e sensibilizando-a da necessidade da recuperação;
- coordenar e mobilizar a equipe escolar para a elaboração do Plano de Melhoria;
- articular as ações de planejamento às ações avaliativas, tendo como ponto de partida os resultados da aprendizagem dos estudantes;
- definir, no coletivo escolar, propostas de intervenção pedagógica que melhor atendam à sua realidade, considerando as ações de implementação do currículo;

- dar o suporte necessário para o desenvolvimento das ações planejadas no âmbito da sala de aula;

- monitorar e acompanhar as ações de execução do Plano de Melhoria;

- promover um trabalho compartilhado com o Conselho de Escola durante todo o processo de implementação do currículo, da intervenção pedagógica e da recuperação;

- garantir ambiente de trabalho acolhedor, possibilitando que cada indivíduo possa exercer seus direitos, seus deveres e suas responsabilidades, de acordo com as atribuições de cada cargo ou função;

- conscientizar estudantes, professores e família quanto à importância de sua participação nas avaliações sistêmicas;

- promover, junto aos membros da equipe escolar, momentos de reflexão e avaliação sobre os resultados obtidos após a intervenção pedagógica para a redefinição de metas.

- encaminhar à Diretoria de Ensino os problemas pedagógicos que ultrapassem os limites e as possibilidades da escola e monitorar as estratégias de solução dos órgãos competentes.

Observação de sala de aula

Um dos propósitos da observação de sala de aula é auxiliar o professor no planejamento, na gestão da sala de aula e nas estratégias de ensino e avaliação da aprendizagem. A sala de aula é um locus estratégico de observação para que dela surjam as reais necessidades de formação continuada dos professores.

Para cada observação de sala de aula deverão ser definidos focos específicos (negociados entre a equipe gestora e os professores), de forma que conduzam às análises claras e precisas, que permitam identificar aspectos merecedores de observação e discussão mais aprofundadas.

Existem diferentes formas de recolher dados durante a observação da sala de aula, permitindo, cada uma delas, reunir determinado tipo de informação e responder a objetivos específicos.

A observação pode ser orientada por diferentes tipos de instrumentos, que permitem os registros dos aspectos específicos da observação e evidenciam a prática docente.

Pretende-se que o observador registre a maior quantidade de informação possível sobre as atividades realizadas, os métodos de ensino utilizados, as interações estabelecidas e outros aspectos observados.

Protocolo de Observação

O Protocolo de Acompanhamento é um instrumento de apoio para subsidiar a ação de observação da prática do professor por meio de eixos norteadores. Este formulário poderá ser adaptado pela equipe gestora em conjunto com o professor. A equipe e o professor devem discutir e decidir quais aspectos devem ser observados, registrados e analisados de forma a melhorar a aprendizagem dos alunos.

Da mesma forma, as equipes devem definir quais são as melhores evidências que caracterizam cada um desses indicadores. Assim, os formulários poderão ser adaptados, tendo por base as características, a realidade e a necessidade da unidade escolar, ou seja, a definição do(s) aspecto(s) mais relevante(s) e que precisa(m) de mais atenção dentro do planejamento, dos projetos e dos acordos preestabelecidos.

O presente Protocolo de Acompanhamento é, portanto, passível de adequação para possibilitar à equipe gestora a autonomia no processo, com liberdade para complementar, discutir, analisar e definir os indicadores necessários à intervenção para melhorar a realidade escolar. Esses ajustes devem ser fruto da demanda e da necessidade de cada unidade escolar, e acordados entre a supervisão, a equipe gestora e o corpo docente.

Não se pretende constituir modelos prontos a ser utilizados, mas eixos norteadores do que é necessário ser observado. Portanto, os instrumentos podem ser ampliados,

2 transformados e adaptados de acordo com a necessidade de cada escola, considerando que alguns itens poderão não se adequar a todas as situações. É importante manter os eixos norteadores que servirão de parâmetros de análise pelas equipes regionais e centrais da SEDUC.

Planejamento

Antes da observação, deve ocorrer o planejamento da atividade pela equipe gestora, reforçando seu objetivo, deixando bem claro qual o foco dessa atividade e o papel de cada um e estabelecendo uma agenda; definindo os

pontos para a observação que são prioridade naquele momento e estudando o Protocolo de Observação proposto. Os professores devem ter sido informados sobre a visita de sala de aula e seus objetivos. É importante apresentar os propósitos de formação continuada que pressupõem a visita e salientar que esta será realizada após um planejamento junto aos professores, quando serão estabelecidos os aspectos observáveis (Protocolo de Acompanhamento), os procedimentos e o cronograma das visitas.

Realização da observação

Fazer observação de aula é uma tarefa complexa que será construída pela equipe ao longo do processo. No entanto, é importante que alguns pontos (combinados) sejam trilhados durante essa observação:

*ter claro qual o foco da observação da aula e anotar os diferentes aspectos definidos como pontos de observação;

*posicionar-se onde tenha um campo visual de toda a sala;

*não interromper a aula; as intervenções serão feitas no momento do feedback;

*ser objetivo nas anotações e não tentar avaliar nem interpretar nesse• momento;

*o trabalho de avaliação e interpretação será feito posteriormente quando houver a análise dos dados pela equipe gestora;

*anotar a otimização do tempo entre as diversas atividades desenvolvidas;

*registrar pontos positivos, pontos de atenção e evidências dos itens observados;

*registrar o ponto de vista do professor sobre a aula, como, por exemplo, se a aula ocorreu como habitualmente ou algum evento aconteceu.

Reunião da equipe gestora após observação da aula

É imprescindível que a equipe gestora se reúna para fazer a leitura e discussão a respeito do feedback que será realizado com o professor. Nesse sentido, levantamos alguns aspectos a serem lembrados:

- a leitura do protocolo deve ocorrer pouco tempo depois da observação; assim, o observador pode complementar os apontamentos;
- a leitura deve ser reflexiva e basear-se no objetivo da observação;
- a equipe deverá fazer anotações sobre encaminhamentos para facilitar a devolutiva que será feita com o professor;
- agendar uma entrevista com o professor para realizar o feedback;
- fazer um cronograma com as próximas visitas a serem realizadas;
- a equipe precisa se preparar para essa conversa com o professor, pois a abordagem, a forma como ela se comunica e com qual propósito vão fazer toda a diferença para a receptividade do professor em receber o feedback e em ter a presença da equipe gestora na sala de aula.

Entrevista com o professor / Devolutiva – Feedback

O passo seguinte é a devolutiva do acompanhamento ao professor. Nesse momento, é importante que a abordagem seja amigável e profissional, pois o objetivo dessa ação não é punição ou vigilância: é formativo e consiste em aprender com o outro e melhorar. Deverá haver comentários de ambas as partes sob a forma de reflexões a respeito da aula; se os objetivos estabelecidos foram atingidos; quais aspectos devem ser mantidos; e quais precisam ser alterados ou adaptados. Alguns pontos importantes são:

* converse com o professor e troque impressões sobre pontos positivos e depois sobre os pontos de atenção, utilizando sempre exemplos que partam da prática;
* é necessário colocar a escuta em prática e conduzir esta conversa, de feedback, de uma forma que busque estimular a reflexão do professor; apontar o que observou e suas evidências; e sugerir intervenções para melhorar os pontos de atenção, combinando algumas estratégias e encaminhamentos;
* agendar com o professor uma próxima visita.

Avaliação da aprendizagem

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, permite ampla flexibilidade na condução dos assuntos escolares e, justamente por esse motivo, vem provocando forte impacto na organização dos sistemas de ensino e das escolas.

Essa flexibilidade tem uma razão de ser:

pretende colocar a qualidade da aprendizagem e o sucesso do aluno acima de toda e qualquer formalidade burocrática. Por isso, ao conceder autonomia pedagógica às escolas, a LDB cria as condições legais para que elas se organizem para alcançar os objetivos e as finalidades da educação básica.

Para que isso venha a ocorrer de forma bem-sucedida, é preciso que a escola reflita sobre suas concepções de ensino, de aprendizagem e, em especial, de avaliação da aprendizagem. No que concerne especificamente à avaliação, cabe mencionar o artigo 24 do capítulo II da LDB, que trata da educação básica, notadamente da organização dos níveis fundamental e médio. Interessa, em particular, o disposto no inciso V, segundo o qual a verificação do rendimento escolar deve observar os seguintes critérios:

a) avaliação contínua do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, assim como dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;

b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;

c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries, mediante verificação do aprendizado;

d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

O que pretende essa lei?

Ela toma uma decidida posição contra o fracasso escolar e, também, contra o barateamento da educação. Por esse motivo, é que se espera, mais do que nunca, que os professores verifiquem constantemente os avanços e as dificuldades de seus alunos; que se avaliem – reformulando, se necessário, sua forma de ensinar – e ofereçam a eles, sempre que necessários, suporte e reforço escolar. Não esquecer que a LDB, em seu artigo 13, inciso III, deixa muito claro que compete aos docentes "zelar pela aprendizagem dos alunos", sendo esta a forma de garantir o sucesso da aprendizagem e, portanto, a permanência dos alunos na escola.

Assim, diferentemente do que se costuma supor, quanto maior for a flexibilidade da organização escolar, mais ela requererá avaliação do processo de aprendizagem dos alunos. Avaliações de diferentes modalidades – da aprendizagem, do desenvolvimento do aluno, do próprio ensino e, inclusive, aquelas de caráter institucional – devem receber especial cuidado por parte da escola.

A avaliação

A avaliação é uma importante ferramenta a serviço da gestão e do planejamento escolar na medida em que seus resultados permitem aprimorar o desempenho de seus alunos, a gestão da sala de aula e a organização interna da escola.

A ação educativa tem sempre um caráter intencional. Isso quer dizer que temos como meta provocar modificações específicas nas pessoas, em seu comportamento, suas ideias, seus valores e suas crenças.

No espaço escolar, esperamos que nossos alunos aprendam, nossos professores ensinem melhor, os pais participem mais da escola, os funcionários exerçam bem suas tarefas, tornando-as também educativas. E queremos poder verificar se isso de fato aconteceu. Então, sempre que pensamos em evolução, mudança, transformação, é preciso pensar também em avaliação.

A importância da avaliação vem crescendo na medida em que a educação ganha mais espaço. A avaliação do desempenho dos alunos deve ser entendida sempre como um instrumento a serviço da aprendizagem, da melhoria do ensino do professor e do aprimoramento da escola.

Avaliamos para aumentar nossa compreensão do sistema de ensino, de nossas práticas educativas e dos conhecimentos de nossos alunos. Avaliamos também para esclarecê-los a respeito de seus pontos fortes e fracos, dos conteúdos que merecem mais atenção, onde devem centrar esforços. A avaliação, nesse sentido, permite a tomada de consciência de como estamos nos saindo.

Avaliamos para qualificar a aprendizagem, identificar problemas, encontrar soluções, corrigir rumos e acertar o passo de todos e de cada um.

Definido o espírito da avaliação, cabe ressaltar que ela envolve sempre dois aspectos indissociáveis. Um deles refere-se à cole-

ta de informações relevantes e úteis, que nos permitam formar juízo acerca de uma pessoa, um fenômeno, uma situação, um objeto. Esses juízos devem ser formados para que orientem as decisões sobre o que ou quem está sendo avaliado, sendo esse o segundo aspecto anunciado anteriormente.

Se o diretor de escola perguntar a seus professores as razões pelas quais avaliam, eles provavelmente responderão: avaliamos para julgar se nossos alunos aprenderam e se estão em condição de enfrentar, com sucesso, o próximo ano; avaliamos para verificar se nossos alunos devem ou não ir para programas de recuperação e reforço etc. Os professores avaliam para formar juízos e tomar decisões.

O problema é que acreditam, na maioria das vezes, que só alunos devem ser avaliados e que as decisões a serem tomadas dizem respeito apenas à vida acadêmica dos 3 estudantes. Em geral, o professor, ao avaliar, raramente se inclui nesse processo. Essa é a visão que, infelizmente, vigora na maioria das escolas.

Mas há outra vertente, menos divulgada e quase sempre ausente das escolas, segundo a qual a avaliação – justamente por coletar informações importantes, que permitem formar juízos de valor e tomar decisões – deve ser vista como um instrumento do planejamento, uma ferramenta importante para que possamos refletir sobre onde estamos e para onde vamos. Nessa óptica, a avaliação ganha uma abrangência muito maior e assume uma importância central na escola, tornando-se um poderoso instrumento a serviço da qualidade do ensino.

Quando se identifica o que os alunos sabem e deixam de saber, é possível repensar a capacitação docente, modificar os métodos de ensino empregado e centrar esforços naquilo que a avaliação demonstrou ser mais difícil para os alunos aprender.

Nesse sentido, não há porque alunos, professores, coordenadores ou diretores de escola tenham medo dos processos avaliativos, pois são eles que permitem reconhecer os problemas ou lacunas de aprendizagem e buscar formas para que sejam enfrentados. Nessa medida, conforme apregoa o sociointeracionismo, a avaliação busca, essencialmente, acompanhar o processo de ensino e de aprendizagem para poder aprimorá-lo.

Instrumentos de avaliação e conceitos/notas atribuídas

Além dos testes objetivos e das provas dissertativas, existem muitos outros instrumentos de avaliação: questionários, deveres de casa, trabalhos em grupo e portfólios – um tipo de pasta na qual os trabalhos dos alunos que evidenciam seus progressos ao longo do ano escolar são armazenados: textos, relatórios, redações, desenhos e autoavaliações.

Outra fonte importante para avaliar é a observação dos professores sobre como as crianças e os jovens agem no dia a dia da sala de aula: estão aprendendo o que deles se espera? Em que ritmo? Nossos métodos de ensino têm se mostrado eficazes? Em que sentido é preciso mudar?

Avaliações sempre devem ser cuidadosas, e uma de suas preocupações principais está no processo de correção das respostas obtidas e na maneira como informamos aqueles que foram avaliados sobre os resultados alcançados.

Aqui, a regra é buscar não ferir a autoestima de ninguém. Em primeiro lugar, não convém riscar os trabalhos dos alunos, chamando a atenção para o erro. Essa é uma prática velha, que pretende deliberadamente fazer com que os estudantes fiquem envergonhados, quando não culpados, por terem errado.

Muito mais importante do que isso é identificar a natureza do erro cometido. Por que o aluno errou? Errou porque a tarefa era maçante, ele se desmotivou e com isso não a terminou a contento? Ou por que queria acabar logo e não controlou a impulsividade?

Ele errou por que usou uma habilidade que não era requerida? O que ocasionou a confusão? Será que o aluno errou porque não foi capaz de pôr em prática sua ideia ou por que não entendeu o que tinha de ser feito por falta de concentração ou excesso de ansiedade? A questão era muito difícil (ou mal formulada) ou não houve tempo suficiente, antes da avaliação, para praticar e solidificar os conhecimentos solicitados? A análise da natureza dos erros cometidos pelos alunos deve ser feita pelos professores, não só para lhes informar a respeito de como podem superar os problemas encontrados como, e sobretudo, para ajustar o ensino às peculiaridades da classe. Essa é uma tarefa que o gestor deve incentivar.

Além disso, o professor precisa encontrar estratégias eficientes para informar o alu-

no a respeito do que errou e de por que errou. Ao comentar os resultados obtidos na avaliação, é importante que, ao perceber a natureza do erro cometido, o aluno entenda sua própria forma de pensar. É possível comentar com a classe os erros mais frequentes sem dizer quem os cometeu.

Mais tarde, é importante manter com os alunos que se encontram em situação mais difícil um bom diálogo a respeito de como podem ser ajudados. Se não houver na própria sala de aula oportunidades de acompanhamento individualizado, são essenciais estudos de recuperação e de reforço. Atender às necessidades de cada aluno, preservando o sentimento positivo que ele mantém a respeito de si mesmo, é algo que o professor competente faz corriqueiramente. Nesse sentido, é importante que os professores sejam orientados para que:

a) façam comentários curtos e encorajadores para alunos menores e comentários mais extensos para os mais velhos, detalhando seu desempenho;

b) personalizem seus comentários, evitando escrever as mesmas frases para todos;

c) tornem as notas (ou os conceitos) o mais significativas possível, dando maior peso aos objetivos mais importantes;

d) sejam justos ao darem notas para os alunos;

e) certifiquem-se de que podem justificar a nota atribuída a cada aluno;

f) comentem erros específicos e apontem suas possíveis causas, fornecendo aos alunos ideias sobre como melhorar;

g) concedam a todos os alunos o benefício da dúvida: todas as técnicas de avaliação envolvem erro;

h) expliquem seus critérios de avaliação aos alunos e os relembrem de tempos em tempos;

i) estabeleçam critérios de desempenho elevados que aumentem o nível de aspiração dos alunos, mas que não se tornem impossíveis de serem atingidos.

Muitas vezes, a família não consegue entender o que as notas ou os conceitos dos boletins significam, e isso pode gerar intensa ansiedade. É por esse motivo que as reuniões com os professores em geral são tão esperadas: nelas, há oportunidade de saber como o filho (ou a filha) está se saindo em um ambiente diferente daquele mais restrito da casa, regido por outros princípios, regras e normas.

É preciso pensar bem em como receber os pais e, em especial, em como lhes informar qual está sendo o desempenho de seus filhos na escola, levando em consideração que muitos deles dificilmente poderão auxiliar seus filhos a realizar as tarefas escolares, ainda que possam estar atentos ao material, ao cumprimento das lições de casa e à frequência escolar.

Nessa medida, deve ser solicitado apenas o auxílio possível, evitando criar falsas expectativas. Isso só produz frustração em ambas as partes.

Promover não é empurrar para a frente

É necessário frisar que a qualidade da escola se evidencia por meio de aprendizagens efetivas. Não se trata de corrigir o fluxo e adequar a idade à série “empurrando” os alunos para a frente. Isso seria uma tragédia pedagógica porque titularia sem formar e teria como consequência a perda de oportunidades futuras justamente porque se perdeu, no presente, a ocasião de aprender.

É preciso levar os professores a mudarem o seu olhar. Na óptica de grande parte deles, os alunos são os principais culpados pelo fracasso escolar: desnutridos, mal- amados, repletos de problemas emocionais, com déficits cognitivos cada vez mais acentuados, constituem um grupo que melhor seria se fosse retirado da escola, mas não é bem assim, pois os principais problemas são os de ensino, e não os de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa sala de aula há inúmeras situações que precisam ser observadas pelo docente, assim como compartilhadas com colegas para melhor entendimento e busca de estratégias. Pois, muitas vezes, um aluno tachado como “bagunceiro”, pode ser na verdade um aluno com um grau elevado de defasagem de aprendizagem... E fazer a tal da bagunça é como esse aluno esconde as suas fraquezas e dificuldades.

Gerenciar uma sala de aula, como vimos, requer mais habilidades do que se pode supor; preparar uma aula que contemple a